

MENSAGENS PINTADAS – VIAGENS COMUNICACIONAIS NO GRAFISMO DE MULHERES INDÍGENAS

PAINTED MESSAGES - COMMUNICATIONAL TRIPS IN THE GRAPHICS OF INDIGENOUS WOMEN

Ivânia Vieira¹

Resumo

Compreender enlaces entre comunicação, cultura e democracia a partir do grafismo indígena é a viagem pretendida neste artigo, tendo como porto a Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN), em Manaus (AM) e como lugar de observação a pintura de rostos de indígenas. O rosto é superfície e mapa de culturas, identidades, pertencimento, comunicacional e, nessa abordagem, da resiliência indígena, dos conflitos de aceitação e de negação, da violência simbólica, da reafirmação e da rejeição. O ato de pintar-se, ser pintada, apresentar-se e representar promove instigações sobre outros exercícios comunicacionais amazônicos para além do modelo hegemônico da comunicação. São manejadas como remos nos afluentes amazônicos as noções de rostidade (DELEUZE, GUATTARI, 1996) e ecossistemas comunicacionais na interface com o diálogo possível (MEDINA, 2003, 2011) na prospecção da participação de outros sujeitos. A AMARN é laboratório e as mensagens pintadas nas e das mulheres o arcabouço subjetivado das narrativas.

Palavras-chave: Mulher indígena. Amazônia. Comunicação. Linguagens corporais. Identidades e resiliência.

Abstract

Understanding links between communication, culture and democracy from indigenous graphics is the trip intended in this article, having as port the Upper Negro River Association of Indigenous Women (AMARN), in Manaus (AM), and as a place of observation the painting of indigenous faces. The face is the surface and map of cultures, identities, communicational belonging and, in this approach, also of indigenous resilience, conflicts of acceptance and denial, symbolic violence, reaffirmation and rejection. The act of painting,

¹ Professora Associada I da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (FIC-UFAM). Doutora em Processos Socioculturais na Amazônia; coordena a linha 3 - Expressões Amazônicas, Imaginário e Comunicação, do grupo de pesquisa Mediação – Comunicação, Complexidade e Culturas (FIC-UFAM); pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPG-CS), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1719336988574799>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4404-3374>, E-mail: ivaniavieira04@gmail.com.

being painted, presenting and representing promotes instigations about other Amazonian communication exercises beyond the hegemonic model of communication. The notions of rostitiy are handled as paddles in the Amazonian tributaries (DELEUZE, GUATTARI, 1996) and communicational ecosystems allocated in the interface with the possible dialogue (MEDINA, 2003, 2011) in the prospection of other subjects participation. AMARN is a laboratory and the messages painted on women and by women are the subjective framework of the narratives.

Keywords: Indigenous woman. Amazon. Communication. Body languages. Identities and resilience.

1 NA CASA DAS MULHERES

Ano 2017. Numa manhã de maio. Sábado. O sol forte invadia por entre folhas a casa-sede da Associação de Mulheres Indígenas do Rio Negro (AMARN), na Zona Leste de Manaus (AM). No chapéu de palha, aos fundos do terreno, com 95% da área de terra acimentada, vozes, risos e músicas indígenas anunciavam o dia de festa: indígenas e não indígenas estavam na casa das mulheres para comemorar os 30 anos de existência da associação.

Cheiros de peixes assando, embrulhados em folhas de bananeira, se espalhavam fisingando estômagos e corações dos presentes. Nesse movimento aromático, as mulheres da AMARN transitavam em idas e vindas a um dos quartos da casa e, ali, em duplas, se revezavam na arte de pintar, mutuamente, os rostos e os braços. Tintura à base de jenipapo, crajiru e urucum, e cera de mel de abelha, despejada em micro cuias ou, na ausência delas, em pequenos depósitos plásticos, e talo de capim grosso na função de micro pincel compunham os acessórios da confecção da ‘segunda pele’. Mãos desenhavam pintando figuras e linhas simétricas nos rostos de umas e das outras mulheres, em movimentos reveladores de técnica apurada.

Minutos depois elas ressurgiam no chapéu de palha, prontas para o protocolo público, a confraternização em torno das três décadas de existência da mais antiga organização de mulheres indígenas do Brasil em atividade. São os rostos pintados dessas mulheres o tema desta escrita de observadora observada na busca da compreensão das implicações da rostitude como superfície e mapa onde elementos comunicacionais estão manifestados, bem como postular, a partir dele, ensaios a respeito de outras perspectivas de comunicação.

Deleuze e Guattari (1996, p. 31) situam o rosto como parte de um sistema de superfície-buracos e superfície esburacada, onde traços, linhas, rugas, formato comprido, quadrado, triangular estão presentes; e como mapa, mesmo se aplicado sobre um volume, envolvendo-o, cercando, margeando cavidades que não existem mais senão como buracos. A rostificação é, de acordo com esses autores, uma operação “muito mais inconsciente e maquínica que faz passar todo o corpo pela superfície esburacada onde o rosto não tem papel de modelo ou de imagem, mas de sobrecodificação para todas as partes descodificadas” (1996, p. 32).

A rostidade é conexão linguagem-rosto, relaciona tempos históricos, identidades, espiritualidades e dimensões das cosmovisões e cosmologias elaboradas por indivíduos e povos. Caracteriza um sistema onde valores e signos ressoam agendamentos e relações de poder, bem como proporcionam no grande rosto, indicadores da potência comunicacional da visualidade.

Nos relatos jornalísticos regional/nacional recorrentes as subjetivações da rostificação dão lugar privilegiado ao viés exótico predominante no imaginário nacional como saldo acumulado da percepção disseminada pelos relatos dos primeiros viajantes do velho mundo sobre as gentes e as coisas do novo mundo. Diante de rostos e corpos indígenas pintados, a explosão de *flashes* é acionada para capturar imagens-rostos desses outros sujeitos diferentes e gerar registros inclusive jornalísticos que entram em circulação como ideias, informações, formações, deformações como manifestações da comunicação humana.

A seleção de matérias-primas, dos artefatos culturais e realização das pinturas elaboram ambientes em que intenções comunicativas são produzidas e entrelaçadas para apresentações em diferentes arranjos sociais e plateias. Nelas, o valor da modalidade tempo ganha diferentes dimensões. O tempo cronológico reinventado pela industrialização no séc. XIX como tempo das fábricas determinou novas estruturas para o trabalho, à ciência, às culturas. Na comunicação, as mudanças tecnológicas impuseram às empresas e aos trabalhadores, como os jornalistas, a naturalização do *deadline*, (linha da morte, em tradução livre), o limite do prazo para finalizar e entregar a matéria jornalística, o produto.

Essa condição de tempo veloz age dentro do tempo, desafia e amarra o fazer jornalístico ao ‘tempo real’ para divulgar uma ‘verdade’ – a informação - em primeira mão. Por essa medição, concebida como argumento validado, é negociada uma série de produtos comunicacionais marcados com selos de eficiência, agilidade, competência e credibilidade. A

velocidade do tempo igualmente demarca e conflita o campo da formação universitária e o da atuação profissional. As disciplinas da técnica encolheram o espaço de interesse por disciplinas teóricas como propostas da ecologia dos saberes. O tempo real, como instrumento decisor, impacta o tempo da escuta, da percepção e da busca do conhecimento religado, aprofunda as fragmentações e amplia a distância entre as partes.

Nessa relação, alguns questionamentos permanecem válidos: como a mídia nacional/local recepciona os povos indígenas? O modelo determinista no qual o jornalismo brasileiro banhou-se para ser forjado experimenta rupturas? Neste texto tais questões não estão respondidas porque exigem maior fôlego de pesquisa e por não serem o foco da proposta aqui desenhada. O cenário possibilita formular situações: o distanciamento entre o jornalismo da grande mídia da pauta indígena e indigenista. Essas são incluídas quando da ocorrência de tragédia e ou de mobilizações de expressivo contingente indígenas. O outro aspecto, nessa área, refere-se à condição de desconhecimento das culturas indígenas que permanecem sob a guiza da generalização de cultura única.

A vivência de duas décadas em sala de aula me permitiu perceber que o tema povos indígenas não está presente nos projetos pedagógicos de cursos de comunicação e, especificamente do jornalismo. É abordado transversalmente a partir da medida de importância que professores dão à questão no processo de formação dos estudantes. Em uma região com as características da Amazônia, os processos comunicacionais dos povos indígenas deveriam ser percebidos, nos estudos comunicacionais, como fundamentais e não remetidos à ocasionalidade.

O Amazonas é a morada do maior número de povos indígenas (30), de indivíduos indígenas (183,5 mil, corresponde a 20,4% do total da população indígena estimada em 896,9 mil) e abriga 53 das 274 línguas indígenas do País (IBGE, 2012). Uma condição privilegiada também aos estudos da comunicação/jornalismo e de suas interfaces com as artes, cultura, economia, educação, saúde, do desenvolvimento na projeção do bem-viver. Ao contrário, as políticas do Governo Federal os situa como eternos obstáculos ao progresso nacional pretendido e a impressão digital dessa postura está em projetos pedagógicos, na matriz curricular e nas práticas em sala de aula de comunicação/jornalismo.

Do projeto colonial português resistem as raízes entranhadas na sociedade e nas instituições por onde os sentidos coloniais estabelecem percepções consensuais e justificam a aceitação de noções classificatórias de raças. O discurso jornalístico é parte da construção

colonialista vigente. Em *A Viagem das Ideias*, Renan Freitas Pinto (2005) faz uma longa incursão nos pensamentos de autores clássicos responsáveis, em parte, pela ideia cultivada de Amazônia atrasada:

Durante todo esse longo e complexo processo de formação dos países e povos do Novo Mundo, a ideia da superioridade branca e europeia sobre a fragilidade dos povos indígenas e dos negros e mestiços tem estado presente em diferentes gradações, realimentando constantemente não apenas nosso senso comum, mas envolvendo também as temáticas de pesquisadores e especialistas, em particular no que vem sendo identificado como o terreno da formação sociocultural da América indígena, negra e mestiça. (PINTO, 2005, p. 34).

A formação jornalística na região Amazônica bebe na fonte de conceitos vindos de longe e permanece abraçada a referências externas sobre o modo de pensar e de fazer. Uma rápida leitura nas fontes bibliográficas mais utilizadas nos cursos de Jornalismo do Amazonas corrobora com o quadro problematizado por Freitas Pinto. Medina questiona o modelo de formação e da prática profissional na Comunicação. Em duas obras, *A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano* (2003), e *Entrevista, o Diálogo Possível* (2011), trata da noção do *diálogo possível* colocando-o como um dos instrumentos estratégicos para enfrentar os impasses da comunicação e o disciplinamento da atuação do comunicador pelas regras do como fazer aprendidas nos processos de formação universitárias e ou nos minicursos e oficinas oferecidos em profusão por grupos empresariais em muitas cidades da região. Afirma a pesquisadora:

O diálogo da comunicação coletiva se torna possível nas sagas do cotidiano, e a autoria poética do mediador surge da partilha dos desejos anônimos [...]. Além, não se sabe quanto além, estará o mágico e misterioso campo da comunicação coletiva. (MEDINA, 2003, p. 22).

Parte de um estudo mais amplo, iniciado em 2019, com um grupo de estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)², a casa das mulheres da

² No primeiro semestre de 2019, durante a realização da disciplina Redação Jornalística I, estudantes de jornalismo tiveram o primeiro contato com as mulheres da AMARN, em diálogos com elas, na sala de aula e, em seguida, na sede AMARN. Os resultados iniciais foram produção de matérias para o LABF5 e à mídia local, e um projeto de trabalho conjunto tendo como foco a comunicação a partir do perspectivismo das indígenas. A pandemia da Covid-19 suspendeu temporariamente as atividades previstas para a primeira fase da ação em 2020.

AMARN se apresenta como um laboratório³ de processos comunicacionais, do acessar histórias de vida de mulheres indígenas, dos povos aos quais cada uma delas representa e de suas maneiras de ver o mundo. É também tentativa de imersões, de exercício em produções compartilhadas do conhecimento, da convivência com a noção de interculturalidade (LITTLE, 2010; QUINJANO, 2005; SANTOS, 2010) e do perspectivismo indígena na comunicação e no jornalismo.

Os rostos-paisagens são o recorte nesta reflexão. Em cada um deles, o convite à leitura a partir das contribuições da geografia da visibilidade trabalhada na tríade *ponto de vista*, *composição* e *exposição*, de acordo com Gomes (2013) que dialoga com o pensamento complexo de Morin (2002), ao situar as ideias como meio-fim inscrito em permanente recorrência. Os elementos dessa visibilidade são explicados por Gomes como:

Ponto de vista é um posicionamento, uma leitura em torno de algo ou de alguma coisa. Trata de determinada perspectiva e do contexto expressos. Traduz opinião, *locus* no qual procedimentos de avaliação e de julgamento se realizam. “Escolhemos a posição do nosso olhar e, a partir dessa posição, serão determinados o ângulo, a direção, a distância” (GOMES, 2013, p. 20). A consciência da espacialidade como lugar de construção dos pontos de vistas é a instância fundamental à compreensão “entre aquilo que é visto e daquilo que não está sendo contemplado” (GOMES, 2013, p. 21).

Composição relaciona-se a uma combinação produtora de algo novo em que a paisagem – gerada por combinação de inúmeros aspectos - também é um dos seus elementos. Gomes chama atenção a um aspecto significativo que, habitualmente, é ignorado ou minimizado, o “jogo de posições” presente na estrutura e subsumido nas abordagens a respeito do conjunto das coisas. “Há uma ordem espacial que é a chave da composição. Onde figura cada elemento nessa composição?” (GOMES, 2013, p. 22) problematiza o autor ao assinalar que “analisar uma composição é compreender a sua espacialidade e o lugar dos elementos nesse conjunto” (GOMES, 2013, p. 22).

A exposição traz à cena a posição de exterioridade e as implicações nela contidas. Gomes (2013, p. 22) lembra que as coisas são compreendidas segundo uma classificação que institui o que deve ser exibido e o que deve ser escondido; e na delimitação é operacionalizado o que deve ser visto e o que não deve. A exposição estabelece lugares de

³ Em alusão à proposta de Bruno Latour e Steve Woolgar que concebem o laboratório “em todos os lugares em que se faz e desfaz a existência dos hormônios do cérebro” (1997, p. 32).

legítima e grande visibilidade que comprometem fundamentalmente a ideia do que deve ser visto, olhado, observado, apreciado, julgado. Para Gomes (2013, p. 23), o atributo da visibilidade “é central na vida social moderna e se ativa e se exerce pela existência dos diferentes espaços públicos”.

Em Jornalismo, Lage (2006, p. 26) afirma que “a notícia trata das aparências do mundo”. Ou seja, é no tecido da notícia que interagem sentimentos de comoção, motivação à revolta, ao conformismo, de agressão ou de gratificação por parte de alguns dos consumidores desse serviço.

Os rostos das indígenas na celebração da AMARN (e somente elas apresentavam pinturas naquele momento) são elementos da escrita cotidiana de mulheres em atuação individual e de caráter coletivo, por meio das inúmeras atividades desempenhadas pela associação, encarnada nela como expressão do movimento por essas mulheres realizado para se manterem vivas, ativas e de apoio àquelas que residem em Manaus, aos seus parentes e às diferentes comunidades do Amazonas de onde vieram.

2 ROSTOS COMO ENSAIOS TEXTUAIS

Significações, valores e imaginários transitam nos territórios dos rostos ressignificados a cada passagem do tempo e das leituras sobre eles elaboradas. Um rosto é revelação e é incógnita da vida. As pinturas dos rostos das mulheres da AMARN, em maio de 2017, estavam relacionadas a uma comunicação maior, a alegria de chegarem aos 30 anos em luta diária, e a intenção, no ambiente da festa, de expor o que desejavam posicionar, suas identidades, culturas e reafirmação dos lugares a que pertencem. Desana, Baré, Tukano, Arapaço, Baniwa... e reunidas nos caminhos cruzados que as levaram a Manaus, para trabalhar, a maioria delas como domésticas, em diferentes tempos, a partir dos anos de 1980. Rostos desnudos, rostos vestidos na segunda pele, grafitados põem em pautas um jornalismo que se identificaria pela escuta e a dialogicidade.

No ensaio antropológico sobre rostos, Le Breton nos faz andar por trilhas do desvelar de rostos humanos tanto quando revela ou quando dissimula. É na metamorfose permanente que a singularidade do ser humano se exprime e uma infinidade de fios são enunciados nos rostos como lugar polissêmico. “O rosto traduz sob forma viva e enigmática o caráter absoluto de uma diferença – apesar de ser íntima-individual. [...] oferecido ao mundo, o rosto é

“compromisso entre as orientações coletivas e a maneira pessoal própria de cada ator” (LE BRETON, 2016, p. 11).

Da seleção de modelos, esculpimento facial à apresentação pública, no chapéu de palha, os rostos desse grupo de mulheres narram histórias coletivas de povos e distinguem a personalidade dando à AMARN o grande rosto, a manchete: Somos a AMARN. Os esteios de madeira que sustentam a estrutura do chapéu de palha estão pintados em arte indígena e se tornam parte da paisagem, conectam culturas transfronteiriças. Juntos, gente e madeira, fios em preto e branco, coloridos, folhagens e cuias são a outra linguagem, a outra comunicação que celebra, anuncia, denuncia e convoca.

Se as gramáticas disciplinadas (MEDINA, 2003, p. 97) devem ser enfrentadas nos estudos e nas práticas da comunicação social e do jornalismo, o pensar e expandir a proposta de instauração do *Diálogo Possível* está colocado como uma das emergências. A defesa do campo de formação e de atuação profissional não se esgota no acolhimento do pluriverso indígena pela comunicação e o jornalismo, o que em si já seria proposta restaurativa, traz a possibilidade de tecer e ampliar narrativas democráticas fundamentais para o mundo e ao Brasil cujas feições multiculturais são renegadas no espelho decisor do qual a mídia nacional faz parte e se posiciona.

A essa proposição soma-se a dimensão dos afetos que perpassam os indivíduos, moldam as linhas características do rosto como lugar e tempo de uma linguagem, de uma ordem simbólica (LE BRETON, 2016, p. 118). Vieira (2017) apresenta elementos simbólicos acionados por mulheres indígenas em diferentes vivências de espiritualidade, do tempo de roçar e colher, da medicina e da arte indígenas, da importância de conversar e ouvir. A cantora e professora Yrá Tikuna, nome de benzimento Mere'enã (“chocalho bonito”) é uma delas e oferece a medida dessa conexão quando coloca a “sintonia espiritual” como fundamental para “minha vida seguir bem”. A relação de ajuda mútua e de se perceberem como parte da natureza aparecem naturalmente nas práticas das indígenas.

No contexto das intenções e significados está o componente cosmológico dos povos indígenas e, em específico, das mulheres indígenas, este historicamente asfixiado pelo perfil de desenvolvimento adotado no Brasil e no mundo ocidental, percebido por Davi Kopenawa (2015, p. 271) como modelo destruidor.

Deolinda Freitas Prado, do povo Desana, uma das fundadoras da AMARN e primeira coordenadora, e Rosimeire Telles Vieira, do povo Arapaso, ex-dirigente e coordenadora da

Rede de Mulheres Indígenas do Amazonas–Makira-Eta (Figura 1), se apresentaram com que chamam de “nossa segunda pele” para receber as homenagens. Recordaram fragmentos da história da associação que é a própria história do movimento indígena do Amazonas e da Amazônia. O relato oral se completava com o corpóreo em desenhos diferentes para cada rosto combinando elementos relacionados à idade, ao povo, ao gênero e a vínculos da espiritualidade. Estas eram as pinturas “de um dia de festejar e de agradecer a nossa Mãe Terra por estarmos aqui como parte da natureza”, explicou Rosimere Arapaso.

Entre o final dos anos de 1990 até 2002, participei, como jornalista, de alguns encontros indígenas realizados em municípios do Amazonas. À época, a presença das indígenas nessas assembleias era rara. A maioria participava à distância, ora preparando alimentos, produzindo peças artesanais, ora em conversas entre elas, cuidados e brincadeiras com as crianças. O pós-almoço reunia homens e mulheres. A conversa de rede entre os casais me despertava/desperta atenção. Ali, no momento de descanso, algumas questões eram conversadas entre eles e elas, e decisões tomadas. A participação da mulher a partir desse encontro na rede, do anonimato à estratégia, ajudava a “desaperrear os homens”, como observou uma das mulheres ao responder minha indagação sobre o que elas conversavam.

Figura 1 – Deolinda Prado, ao microfone, e Rosimere Telles Vieira, homenageadas na comemoração dos 30 anos de criação da AMARN



Fonte: Ivânia Vieira, 2017.

Na AMARN, a preparação dos rostos e dos eventos envolvem simbolismos dos quais os protocolos ocidentalizados não dão conta e, quando utilizados, tendem a atropelar a

maneira das mulheres os organizarem. Em vários desses acontecimentos pude acompanhar a ‘presença da mídia’, apressada em busca de “quem é mais interessante para falar”. Todas eram. Mesmo a escolhida deveria atentar para o tempo e responder a algumas perguntas e a entrevista estava encerrada. Não havia escuta. Retomo as inquietações de Medina:

Como enquadrar nos limites de um questionário fechado, numa cronologia rígida, de uma presentificação radical uma personagem que ultrapassa estes ditames? O Diálogo Possível, se acontecer, já contraria esta fórmula. O entrevistado passeia em atalhos, mergulha e aflora, finge e é, sonha e traduz seu sonho, avança e recua, perde-se no tempo e no espaço. O repórter, se for um bom curtidor de papos sem limites profissionais, embarca e se deleita [...]. Como montar o perfil se as coisas não se sucederam de um jeito ordenado, como manda o figurino dos manuais de redação? É então que ele se lembra de algum texto literário que leu recentemente, de uma solução surpreendente no caos de determinado personagem ficcional. Nossa! Então é possível representar um diálogo que foge à objetividade? (2011, p. 20).

No ato de pintar os rostos, nas dependências da AMARN, ocorre intensa troca de informações e de afetos que vão se dando em voz baixa, risos e olhares sobre o rosto forjado pela modelagem. Em movimentos delicados dos dedos no manejo do pincel da criação elas se autoavaliam: “ficou bom?”. São trocas de impressões e de gestos solidários que constroem as imagens, encorajam, acentuam, realçam ou minimizam traços de feições numa elaboração individual-coletiva como expressão da alteridade (Figura 2). O texto do rosto se firma e se reafirma diante da plateia como pronunciamento ao mundo.

Entre as mulheres da AMARN, das mais idosas às mais moças, um dado é comum: elas se pintam em momentos singulares. Em encontros de caráter aberto, quando não indígenas são convidados, nas festas, nas marchas indígenas, nos circuitos de protestos para os quais são convidadas ou são as protagonistas. As pinturas são parte de um ritual que se realiza entre a tradição e a inovação atualizando atitudes de afirmação político-culturais e identitárias. Transitam, como formula Thiél (2012, p. 63), entre as tradições da aldeia e as do ocidente produzindo multimodalidades discursivas, negociam sentidos com o sentido estrutural da colonialidade sustentada por práticas racistas em pleno vigor.

Figura 2 – Claudineia Brito, do povo Tariano, à esquerda, membro da AMARN, é preparada pelas mãos de Rosimere Telles



Fonte: Ivânia Vieira, 2017.

Ideias em torno da seleção e hierarquização dos fatos têm atravessado o debate jornalístico. Os enquadramentos⁴ tensionam práticas e implicam em diversificação de resultados e sensações a partir das escolhas feitas. Para a comunicação, Rothberg (2011) vê na pluralidade jornalística um recurso capaz de eliminar incertezas e falsidades, pois, “ao permitir a expressão da legitimidade das demandas alheias, significa a possibilidade de realização do acordo civilizador sobre o qual se assenta o projeto político das democracias contemporâneas” (ROTHBERG, 2011, p. 84).

A rotina que também enquadra o jornalista é, no dizer de Medina, facilmente transmissível aos jovens profissionais atentos à experiência do dia a dia. É essa rotinização da atividade e resultado por ela produzido que devem ser questionados tendo com referente a quantidade de vozes ignoradas ou suprimidas na batalha do tempo para produzir a notícia e do espaço que ela ocupará. “Se a curiosidade não for adiante, o profissional ficará escravizado a estas fórmulas para o resto da vida. São cômodas e respondem à agilidade exigida pela média das empresas de comunicação” (MEDINA, 2011, p. 26).

⁴ Em *Jornalismo público* (2011), Danilo Rothberg analisa as diferentes modalidades de enquadramento no jornalismo.

3 SOBRE MENSAGENS PINTADAS

Das implicações da rostificação, da linguagem pintada às ideias produzidas pelos grafismos exercitados pelas indígenas como elementos de inscrição político-cultural participativa estão geo-grafados territórios comunicacionais. Vivenciá-los e refletir sobre eles é um convite a aprendentes da comunicação e da relação desta com o processo histórico brasileiro.

Em “*A lógica das imagens e os habitantes do Novo Mundo*”, Ana Maria De M. Belluzzo (1994) analisa três relatos de viagens do século XVI. São eles: *As Viagens ao Brasil*, de Hans Staden, cujos textos aparecem na Alemanha, em 1557 e, segundo a autora, inscrevem observações de interesse etnográfico em narrativa popular; *A História de uma Viagem feita à terra do Brasil*, de Jean de Léry, publicada na França, em 1578 que “se utiliza de modelos da antiguidade clássica para estabelecer uma valorização positiva dos homens do Mundo Novo”(BELLUZZO, 1994, p. 46); e *Grandes Viagens*, de Theodore De Rey, não viajante, engloba duas séries publicadas entre 1590 e 1634, que aparecem sob o nome de *índias Ocidentais*. A série, explica Belluzzo, é uma edição gravada que compunha um ambicioso projeto gráfico publicado na Antuérpia, na terceira parte do qual são reeditadas, com alterações, as viagens de Staden e Léry, “quando o argumento visual toma proeminência e conquista autonomia com relação ao texto do qual se desgarrar” (BELLUZZO, 1994, p. 47).

Estudos sobre as anotações e exposições dos primeiros cronistas permanecem sendo importantes à comunicação embora estejam normalmente ausentes sob a justificativa do campo de estudo que não dialoga com interdisciplinaridade. Todo esse material, se tratado pelo Jornalismo, poderia constituir reportagens sobre o “descobrimento”. As imagens reunidas sobre os habitantes do novo mundo, na concepção de Belluzzo, são “inumeráveis, intercambiáveis, incorpóreas”. Prevaleceu, contudo, uma ideia reducionista que está presente em relatos jornalísticos locais ou na naturalização da não-presença das vozes da Amazônia profunda nas questões que afetam as formas de vidas da região. Sobre os efeitos dessa posição, Renan Freitas Pinto (2005, p. 58) afirma:

A Amazônia e o próprio Brasil têm sido pensados e interpretados tendo como ponto de partida um núcleo perfeitamente identificável de ideias, noções, conceitos e preconceitos que constitui o fundamento dessas obras. É necessário descobrir e compreender como suas ideias surgem, se investem de

significação e percorrem os espaços reais e imaginários da vida da sociedade.

Uma outra noção, a da ecologia profunda, como propõe mais recentemente o Papa Francisco no capítulo 4º da sua primeira encíclica, a *Laudato Si*, “Sobre a Casa Comum” (2015), é intrínseca ao ser indígena que se vê como parte, a humana, de um todo da natureza. Para inúmeros povos indígenas, como os tuiúcas, krenak, ynanomami, baniwa, não há diferença entre os passageiros das viagens cósmicas: o trovão é o avô desses povos, a terra é mãe e o universo o território por onde andam em corpo e espírito. Neste sentido, comunicadores que se percebem como cidadãos e cidadãs da pluralidade, têm a tarefa de compreender as cosmologias “como teorias do mundo, da ordem do mundo e do movimento no mundo, no espaço e no tempo no qual a humanidade é apenas um dos muitos personagens em cena” (SILVA, 1994, p. 75). Na Amazônia, acercar-se dessa dimensão é crucial ao projeto de um diálogo possível na comunicação.

Berta Ribeiro (2000, p. 51) chama atenção à relevância que deve ter o estudo desse sistema de representação desenvolvido pelos indígenas, concebendo-o como verdadeira linguagem visual, em sua feição estética e cognitiva. “Trata-se de uma iconografia que oferece informações valiosas para a compreensão da visão do mundo de populações tribais”.

Os rostos pintados das indígenas caminham pelos becos, nas avenidas da capital amazonense, nos bairros da periferia socioeconômica, nas praças onde são artesãs e militantes da causa e das causas daqueles sujeitos vulneráveis e que também estão sob ameaças. As outras, os outros, os rejeitados. São rostos que questionam a imagem que atravessou os séculos e foi tornada determinista, enciclopédica, habitante das bibliotecas físicas e virtuais, das salas de aulas nas escolas do mundo.

Na Amazônia, a abundância da riqueza comunicativa dos grafismos indígenas não corresponde à importância da visibilidade que esses textos representam para o conhecimento e o seu manejo. A comunicação dialogal possivelmente implicaria em mediações para a “desconstrução do autoritarismo unidirecional – fonte de informação dita científica, tradutores e receptores massificados” (MEDINA, 2011, p. 32). Se refletiriam em substancial promoção de ambientes plurais de debates sobre temas como políticas públicas culturais, de gênero, do ensino e aprendizagem multicultural, das socialidades; e no incentivo à circulação do perspectivismo daquelas e daqueles sistematicamente silenciados. As pautas desenquadradas seguiriam na aventura de se fazerem presentes em tempo de escuta respeitadora. Os rostos

pintados das mulheres indígenas superariam, com esse outro exercício, o ímpeto pelo registro do exótico e, ganhariam, no jornalismo, outros valores. Volto a Medina nesse ponto seguinte do porto de onde parti: “A profissão de jornalista pode ser aventureira, mas só uma das aventuras – o Diálogo Social – terá força para enfrentar o naufrágio” (MEDINA, 2003, p. 38). A imaginação, ensina a filosofia, é a ferramenta da criatividade, eis alguns afluentes a serem percorridos.

REFERÊNCIAS

BERGOGLIO, Jorge Mario (Papa Francisco). **Encíclica “Laudato sí”**. 1ª edição. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs–Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Tradução de Aurélio Gueira Neto; Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Claudia Leão; e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

FLAUSINO, Cristina. **Rosto e rostificação**: Os modos de operar da máquina abstrata da rostidade. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GOMES, Paulo C. da C. **O Lugar do olhar – elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). **Índios do Brasil**. Ministério da Educação e do Desporto. 2ª edição. Brasília, 1994.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A Queda do Céu – palavras de um xamã yanomami**. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *A Vida de Laboratório – A Produção dos Fatos Científicos*. Tradução: Ângela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumara, 1997.

LE BRETON, D. **Rostos – ensaios antropológicos**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis/RJ Editora Vozes, 2018.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de tecer o presente. Narrativa e Cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O Diálogo Possível**. São Paulo: Editora Ática, 2011

MORIN, Edgar. **Religação dos Saberes - o desafio do século XXI**. Tradução de Flávia Nascimento. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2001.

PINTO, Ernesto Renan F. **A Viagem das Ideias**. Manaus: Editora Valer, 2005.

RIBEIRO, B. **A Mitologia Pictórica dos Desâna in Grafismo Indígena. Estudos da Antropologia Estética**. Lux Vidal (organizadora). 2ª edição. São Paulo: EdUSP, 2000. Disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuerdajú –<http://www.etnolinguistica.org>

ROTHBERB, D. **Jornalismo público**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

THIÉL, Janice. **Pele Silenciosa, Pele Sonora – A literatura indígena em destaque**. São Paulo: Editora Autêntica, 2012.

VIEIRA, Ivânia. **Lugar de Mulher- A participação da indígena nos movimentos feministas e indígenas do Estado do Amazonas**. Tese (Doutorado em Processos socioculturais na Amazônia/Instituto de Filosofia, Ciência Humanas e Sociais (IFCHS- Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA). Manaus, 2017.